

AS LÍNGUAS NACIONAIS NA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL

José Lindomar Coelho Albuquerque

RESUMO

O artigo aborda a influência cultural do Brasil no Paraguai e as formas de resistência de setores da sociedade paraguaia a denominada “invasão brasileira”. Para isso, centralizo na discussão sobre as tensões identitárias relacionadas ao ensino e à aprendizagem das línguas nacionais - espanhol, guarani e português - nessa região de fronteiras.

Palavras chaves: línguas nacionais, fronteiras e imigração internacional.

Minha pátria é minha língua

E eu não tenho pátria, tenho mátria

E quero frátria (Caetano Veloso, Língua)

Esse artigo é parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a imigração brasileira na fronteira do Paraguai. Muitos brasileiros, principalmente da região sul do Brasil, migraram para o país vizinho a partir do final da década de 1950. A mecanização da agricultura e a concentração fundiária na sociedade brasileira foram os principais fatores de “expulsão” de arrendatários, posseiros e pequenos agricultores brasileiros, enquanto que o baixo preço da terra e dos impostos e as facilidades de créditos agrícolas no Paraguai foram alguns dos mecanismos de “atração”. Essa imigração se intensificou na década de 1970, no contexto de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na fronteira entre os dois países. Atualmente há estimativas de que existam mais de 450 mil imigrantes brasileiros vivendo na nação vizinha.

Os imigrantes se concentram principalmente nos departamentos fronteiriços (correspondentes aos estados brasileiros) do Alto Paraná, Canindeyú e Amambay e nos departamentos vizinhos de Itapua, Caaguazu e Caazapá. Nessas regiões se formaram, ao longo das quatro últimas décadas, várias colônias e cidades onde predominam a língua portuguesa, os canais de televisão brasileiros, as músicas e tradições culturais do Brasil. O forte poder econômico, político e cultural dessa imigração fronteiriça tem produzido uma reação do movimento camponês, políticos de oposição, intelectuais, jornalistas e religiosos do Paraguai. O confronto entre as frentes de expansão (demográfica, agrícola, comercial, política e cultural) brasileiras e alguns setores da sociedade paraguaia têm gerado vários conflitos de terra (Albuquerque, 2005), novas formas de integração, disputas de identidade e representações variadas sobre os brasileiros e os paraguaios.

Nesse artigo priorizo a dimensão ambivalente dos choques culturais e das formas de integração desses imigrantes na sociedade paraguaia. Analiso as influências culturais do Brasil no Paraguai, especialmente a força dos meios de comunicação e a presença da língua portuguesa no cotidiano dessas localidades colonizadas por brasileiros e as novas estratégias de integração cultural dos imigrantes à sociedade local. Reflito sobre as formas de resistências dos paraguaios ao avanço dos imigrantes e da cultura brasileira, particularmente através da escola e do ensino das duas línguas nacionais: o espanhol e o guarani.

1. Conflito e integração cultural na região de fronteiras

Os imigrantes brasileiros e seus descendentes são acusados de formarem guetos ou enclaves etnoculturais na sociedade paraguaia. Alguns intelectuais, políticos e jornalistas brasileiros e paraguaios utilizam geralmente uma imagem cristalizada do período das primeiras colônias dos imigrantes. Quando olham para os fatos do presente, tendem a selecionar somente aspectos que comprovam o domínio econômico e cultural do Brasil e os conflitos travados com a sociedade camponesa local.

Por outro lado, há discursos que enfatizam as relações cordiais entre os brasileiros e os paraguaios e o hibridismo cultural. *“Aqui é tudo mistura, tanto na língua como no convívio com os paraguaios”* (Adílio Ramírez, diretor escolar, 17/01/2004). Para estes o que estaria ocorrendo é a construção de uma nova sociedade mestiça e de cultura fronteira fundamentada no “portuñol” (português e espanhol) ou “portuguarañol” (mistura de português, guarani e espanhol) e no hábito dos brasileiros tomarem o tererê (bebida fria feita a base de ervas e semelhante ao chimarrão do sul do Brasil)(Feliú,1999).

O que acontece na prática cotidiana é uma complexa mistura de situações de domínio econômico e político dos brasileiros, de conflitos, de integração e de assimilação de valores culturais que variam muito conforme a localidade e as mudanças que têm ocorrido no desenvolvimento das cidades colonizadas pelos imigrantes. Nos municípios onde os brasileiros são maioria tendem a predominar os valores culturais destes, ou seja, são os paraguaios que se adaptam à cultura brasileira (idioma, música, danças). Mas nas localidades em que os imigrantes são minoria terminam aprendendo com mais rapidez e interesse o guarani e o espanhol e algumas manifestações culturais locais, inclusive porque se sentem mais pressionados a se comunicarem nas línguas nativas. A diversificação das atividades econômicas nestas pequenas cidades tem atraído novos brasileiros, mas também paraguaios de outras regiões do país que vão atrás de emprego no comércio local. O contato diário entre brasileiros e paraguaios se intensifica e aumenta as trocas culturais e as tensões cotidianas.

Aqui têm muitas famílias, já brasileira casada com paraguaio, já tem uma integração. Só que em nossa região aqui, em Mbaracayu, o canal de televisão paraguaio não pega o sinal. Então você pega o sinal da televisão brasileira. As festas e os costumes tradicionais brasileiros que a gente cultiva aqui dentro. Isso cria um pouco de divergência e diferença, mas a gente na região aqui está totalmente integrada. Isso é um ponto negativo para quem vem de fora, uma festa aqui na nossa comunidade, toca-se música brasileira, paraguaia, mas muito pouca, a maioria é brasileira. As danças, o idioma que a gente utiliza aqui é o português. Nas escolas, 95% dos alunos são brasileiros, são paraguaios, mas filhos de brasileiros, falam mais o português do que o espanhol. E isto eu acho que não é certo isso aí. Inclusive nas igrejas católicas, luterana, adventista, os cultos são todos feitos em idioma nacional, inclusive se estuda o guarani também na escola, é o segundo idioma oficial do Paraguai. Na parte das rádios, na

comunicação da região aqui tem muita comunicação em português (José Giacomelli, prefeito de Mbaracayu, 25/11/2004).

Nesse trecho da entrevista estão presentes algumas contradições entre as noções de integração, divergência e diferença. Em dois momentos, o entrevistado enfatiza que já existe na cidade em que ele administra uma total integração entre brasileiros e paraguaios: *“aqui têm muitas famílias, já brasileira casada com paraguaio, já tem integração”* e *“a gente na região aqui está totalmente integrada”*. Ele destaca a presença dos idiomas nacionais (espanhol e guarani) nas escolas e do espanhol nas igrejas. Mas ao mesmo tempo justifica a influência cultural do Brasil, pois somente *“pega o sinal da televisão brasileira”*, *“toca-se música brasileira”*, *“o idioma que a gente utiliza aqui é o português”*, *“nas escolas, 95% dos alunos são brasileiros (..), falam mais o português do que o espanhol”* e *“aqui tem muita comunicação em português”*. A tensão permanente nesse discurso é produto de uma percepção das contradições desse universo cultural fronteiro que não se “encaixa” nos modelos homogêneos de nação, mas também é derivado de uma observação cotidiana das diferenças e separações, mesclada com os desejos políticos em uma integração plena, contidos em expressões avaliativas como *“isto eu acho que não é certo isso ai”*.

A outra tensão entre segregação e integração se localiza entre as gerações dos imigrantes, fenômeno bastante semelhante em outros processos migratórios. Os mais velhos continuam bastante separados e os preconceitos, ar de superioridade do imigrante e desconfianças mútuas inviabilizam espaços comuns de convivência:

Eu acho que o imigrante que veio aqui, não todos, tem uma minoria muito importante que é impressionante como eles buscam se adaptar, como eles buscam aprender espanhol, como eles buscam respeitar o Paraguai e ajudar a crescer. Mas tem uma boa quantidade, eu acho que é uma maioria, que acha que não deve nenhuma satisfação para ninguém, vem aqui e fala, e fala a hora que quer e fala português na frente de qualquer um. Tem muita gente que chegou sem nada e se fez aqui, pensa que tendo uma maquinaria e um bom pedaço de terra é um senhor, é um dono e esqueceu a parte da educação, a parte moral e um montão de coisas (César Padoin, Prefeito de Naranjal, 19/11/2004).

Mas as novas gerações se encontram principalmente no espaço da escola. Os filhos e netos dos imigrantes estão aprendendo aspectos da cultura paraguaia no ambiente escolar. Eles estudam as duas línguas oficiais do país, a história e a geografia paraguaia, cantam o hino nacional e compartilham informações variadas com professores e colegas paraguaios, inclusive participam de projetos de “resgate” da cultura nacional. Essas crianças e jovens vivem em dois mundos culturais distintos e recebem a influência tanto do Brasil no espaço doméstico como do Paraguai no ambiente escolar. Há, portanto, uma relação de disputa de nacionalidades entre a família

e a escola, pois tanto os pais como os professores querem educar as crianças segundo os valores, símbolos, tradições e memórias de sua nação.

Como ellos son hijos de inmigrantes, la influencia en la casa, todos los días papá y mamá les hablan en portugués, entonces ellos se sienten brasileños, miran las teles, los canales brasileños se exalta el nacionalismo y esto lo que sale: el Brasil es el más grande del mundo, todos los días es exaltación del nacionalismo, totalmente todos los días en todos los canales de televisión. Entonces ellos miran canales de televisión brasileña, se sienten brasileños, sus padres son brasileños, hablan en portugués. Pero viene a la escuela, a la institución escolar y tienen que hablar en castellano, tienen que hablar el guarani, tienen que practicar costumbres y tradiciones paraguayas, entonces se sienten paraguayos, saben bien que nacieron en Paraguay, viven en Paraguay y que tienen que sentirse paraguayos, pero pertenecen, sus padres son inmigrantes. Ahí viene la palabra brasiguayo, una mezcla. (Domingo Quiñonez, Professor de história, 25/11/2004).

A igreja também é um espaço de aproximação, embora existam ainda práticas segregacionistas na hora das missas e dos cultos. Mas as “comunidades” religiosas desenvolvem elos morais e sentimentos de pertença que podem superar as separações entre as “comunidades” lingüísticas, étnicas e nacionais e aproximar muitos “irmãos” brasileiros e paraguaios. O aumento da quantidade de missas e cultos em espanhol nos últimos 3 anos tem contribuído também para atrair mais paraguaios para as igrejas católicas e evangélicas, ainda comandadas predominantemente por padres e pastores brasileiros.

O segundo encontro da juventude da Congregação Scalabrini no Paraguai se denominou “*Diferentes culturas: um único pueblo com cristo itinerante*” e visava integrar os jovens pertencentes a distintas etnias e nacionalidades que vivem no Paraguai. Embora haja todo um incentivo e desejo de integração juvenil, vários membros das congregações religiosas, que acompanham os imigrantes naquele país, criam e reproduzem estigmas em relação ao povo paraguaio. Esses encontros têm mais o objetivo de aproximar os descendentes de imigrantes brasileiros do que uma integração destes à cultura paraguaia.

A intensificação dos conflitos de terra e a sensação de serem vistos como “invasores” têm produzido duas atitudes distintas nos imigrantes brasileiros. Para alguns, servem para aumentar os ressentimentos e estereótipos em relação aos paraguaios. Para outros, o medo dos conflitos tem ampliado variadas formas de integração cultural.

As contendas sociais e nacionais aceleram as ações de integração cultural dos imigrantes brasileiros na sociedade paraguaia. Muitos cultos e missas estão sendo realizados em espanhol ou “portuñol”, nos últimos anos, e já existem rádios locais que têm mais programação em “castelhano” do que em português. Alguns líderes dos

agricultores brasileiros pressionam para que as propagandas e os letreiros das lojas sejam feitos em espanhol. A idéia é respeitar a cultura local não por uma adesão voluntária e espontânea, mas como um mecanismo estratégico de legitimação política, pois com essas medidas os imigrantes deixariam de ser vistos como “invasores”.

Em várias reuniões nossa, a gente pediu, já fez cartas, já fez pedidos para gente das rádios, pessoas de letreiros para mudar um pouco isso. Um letreiro mal escrito ali já é motivo para eles falarem: “*olha os brasileiros estão invadindo mesmo o nosso país, até o letreiro é em português*”. Então em nossa região devagarzinho nós estamos tentando mudar um pouco, propagandas de rádio em português, a gente está pedindo para eles começarem trocar um pouco para amenizar um pouco a situação desta briga social que está tendo. Isso pra mim seria normal, mas para eles como não é normal, então a gente tem que também ceder um pouco e respeitar a visão deles. Respeito um pouco à bandeira nacional, respeito ao hino nacional, se estão cantando e tu estás passando na rua, pelo menos pare e fique escutando, coisas assim que para eles é muito importante que você faça isso. Apesar que para você as vezes é indiferente porque a gente tem o sangue, a gente quer produzir, quer trabalhar, a gente não quer dar bola para este tipo de coisa, mas as vezes a gente tem que parar e respeitar um pouco a cultura deles, o folclore deles (Jackson Bressen, agricultor, 17/11/2004).

No ensinamento desse imigrante, a integração e o respeito pela cultura e folclore do “outro” poderiam ser compreendidos como uma espécie de encenação dos atores sociais que necessitam que as críticas e os conflitos diminuam. Ele fala que “*a gente não quer dar bola para este tipo de coisa*”, pois “*a gente tem o sangue, a gente quer produzir, quer trabalhar*”. Nesse discurso aparece a tensão entre as estratégias políticas de integração cultural, o desprezo pelas manifestações culturais e nacionais dos paraguaios e a afirmação da naturalizada identidade de “trabalhadores”.

Essa área de colonização brasileira não é um pedaço isolado da nação brasileira em um território de uma outra nação. O que existe é uma complexa mescla fundada em contatos internacionais harmoniosos e conflituosos em que predominam, em muitas localidades, a língua portuguesa e a mídia brasileira, mas as instituições políticas, jurídicas, militares e educacionais são do Estado paraguaio.

No começo do período migratório, as instituições repressivas, fiscais e educativas do Estado paraguaio e os meios de comunicação do Brasil estavam praticamente ausentes desta região. No decorrer do tempo, o Estado paraguaio foi se estruturando através de “*comisarías*” (postos policiais), escolas, seções do Partido Colorado, eleições e Exército. A nação brasileira também se tornou mais visível através dos maiores fluxos migratórios com a construção das estradas asfaltadas e mediante os meios de comunicação, com a compra de antenas parabólicas e à instalação de rádios locais durante as décadas de 1980 e 1990. A influência brasileira hoje é predominante no idioma, nos meios de comunicação, na música e na culinária. Porém, a existência de

rádios com programação em espanhol e de sistemas de TV a cabo em algumas cidades favorece a ampliação de informações sobre o Brasil e o Paraguai e uma maior integração de alguns imigrantes à sociedade paraguaia.

As leituras clássicas sobre a nação destacam a importância do exército, da escola, dos meios de comunicação, dos direitos de cidadania e das línguas nacionalizadas na construção de ideologias, símbolos e sentimentos nacionais (Albuquerque, 2003). Essas abordagens não explicam as complexas misturas, tensões e disputas de nacionalidades que ocorrem nas zonas fronteiriças. No caso específico da imigração brasileira na fronteira do Paraguai, posso dizer que se configurou um espaço simbólico de disputas de imagens e símbolos nacionais entre a escola paraguaia e os meios de comunicação do Brasil.

Os imigrantes e seus descendentes assistem todos os dias a programação das televisões brasileiras e muitos se identificam como essa “comunidade nacional”. Os fluxos migratórios fronteiriços e a potência dos meios de comunicação brasileiros, especialmente as programações televisivas, ultrapassam os limites territoriais do país e ampliam os raios da imaginação nacional. As imagens diárias dos canais brasileiros chegam nos lares dos imigrantes e também dos paraguaios, já que os sinais das televisões paraguaias são bastante precários. A recepção das imagens e mensagens desses veículos de comunicação fortalece os laços de uma “comunhão brasileira” e uma sensação de que esses brasileiros continuam no Brasil. Entretanto, as forças militares do Paraguai e as escolas nacionais fazem parte do cotidiano desses moradores. Na relação direta com o Estado nacional, os brasileiros terminam se reconhecendo como estrangeiros. Os imigrantes e seus descendentes que freqüentam a escola paraguaia aprendem as línguas nacionais, a história e geografia paraguaia e cantam o hino nacional. Esses jovens vão formando suas identidades e sentimentos nacionais na confluência de duas nações.

Para aprofundar esse ambiente de disputas nacionais e de formas de integração cultural, selecionei a problemática do ensino e da aprendizagem das três línguas nacionais - português, espanhol e guarani - nessa zona de fronteiras entre o Paraguai e o Brasil.

2. As fronteiras lingüísticas e as identificações nacionais

Os Estados nacionais construíram e oficializaram determinadas línguas nacionais. Nesse processo, os grupos sociais dominantes, a imprensa, a literatura e a burocracia estatal contribuíram bastante para que uma determinada língua local hegemônica fosse transformada em nacional e as outras existentes fossem destruídas ou

classificadas como dialetos. Todavia, por mais que os Estados nacionais tenham tentado impor uma homogeneidade lingüística em todo o território nacional, há países que têm várias línguas e outros que compartilham o mesmo idioma. A língua como expressão cultural não é, portanto, o único elemento definidor de uma nacionalidade, mas continua sendo percebida pela maioria dos habitantes de um país como um forte elemento de identificação nacional e um demarcador de fronteiras culturais e simbólicas.

No contexto de formação dos Estados nacionais no continente americano, as línguas das metrópoles colonizadoras se transformaram nos idiomas nacionais de todas as novas nações no período das independências. As várias línguas indígenas e negras foram destruídas, esquecidas ou silenciadas pelas elites dominantes desses países que desejavam consolidar os idiomas europeus, vistos como civilizados. No caso brasileiro, mesmo antes da independência, a política portuguesa de Marquês de Pombal tinha fortalecido a supremacia da língua portuguesa na colônia, especialmente após a expulsão dos jesuítas em 1759 e da eliminação da língua geral ou tupi-guarani de todos os currículos escolares (Rodrigues, 1981). Durante a construção do Estado nacional brasileiro, a partir do século XIX, o português se tornou o idioma oficial e todas as línguas indígenas e dos novos imigrantes não eram reconhecidas pelos governos brasileiros. Apesar desse forte processo de homogeneização lingüística, não desapareceram as línguas indígenas e os idiomas e dialetos das inúmeras “comunidades” de imigrantes que vieram para o Brasil.

No caso paraguaio, o espanhol se tornou a língua oficial do país no contexto da independência em 1811, mas o guarani continuou sendo falado pela maioria da população. Durante a história da república paraguaia, o espanhol não conseguiu se tornar a língua majoritária, talvez pelo isolamento ou abandono do país pela elite “crioula” de Assunção ou pela resistência da cultura indígena e missioneira. A maioria da população continuou se comunicando em guarani ou “jopará”. A elite governante somente reconheceu oficialmente este idioma em 1992. Desde então o Paraguai se tornou oficialmente um país bilíngüe e o único Estado latino americano a reconhecer o estatuto de idioma nacional para uma língua de herança indígena (Zuccolillo, 2000; Steckbauer, 2000).

Os estudos históricos e sócio-lingüísticos sobre a formação da língua portuguesa como idioma nacional geralmente privilegiam a evolução dos textos escritos e das expressões orais no interior do país (Orlandi, 2001). As zonas de contato entre esse idioma e as outras línguas nos cenários das fronteiras territoriais continuam bastante desconhecidas. Nas fronteiras com os países vizinhos, o português entra em contato com inúmeras línguas indígenas na região Norte, com o francês, inglês, holandês nas Guianas e Suriname, com o espanhol na maioria dos países vizinhos,

quéchua no Peru e Bolívia, guarani no Paraguai e outros idiomas das comunidades de imigrantes que vivem nesses territórios fronteiriços, como descendentes de alemães, italianos, japoneses, sírio-libaneses etc (Sturza, 2005).

Não pretendo analisar toda a complexidade lingüística da região de fronteiras entre o Paraguai e o Brasil, mas somente refletir sobre as disputas de identidades entre os imigrantes brasileiros e os paraguaios em torno dos contatos e choques culturais entre os três principais idiomas fronteiriços. Neste sentido, os contatos entre o português, o espanhol e o guarani no movimento migratório brasileiro na fronteira paraguaia produzem separações, mesclas e disputas em torno da legitimação da língua como fator determinante ou não da identificação nacional.

O guarani continua sendo a língua mais falada em todo o país, mas principalmente na zona rural (Paraguay,2004). Esse idioma é visto pela maioria dos paraguaios como a expressão máxima da nacionalidade. Mas para determinados setores dominantes da sociedade paraguaia, o guarani é considerado língua de índio ou “*coisa de camponês*”. As raízes desse discurso remetem ao processo colonial e à imagem que os espanhóis tinham das línguas nativas. Após a Guerra do Paraguai (1864-70), o preconceito ao guarani foi reforçado por causa da influência cultural que a Argentina passou a exercer em todas as instituições de ensino e nos meios de comunicação no Paraguai. Durante a ditadura de Stroessner (1954-89), embora houvesse já um discurso oficial de apologia ao guarani e à institucionalização do ensino dessa língua no secundário, no ambiente escolar ainda predominavam os estigmas dos professores com as crianças que falavam esse idioma (Zuccolillo, 2000).

O guarani, embora tenha sido historicamente negado pelos colonizadores e pela elite econômica e cultural da capital, constituiu-se ideologicamente na língua da resistência para muitos paraguaios. Estes costumam narrar episódios das duas guerras que o país enfrentou com as nações vizinhas - Guerra do Paraguai (1864-70) e Guerra do Chaco (1932-35) - e destacam o papel do idioma guarani como força de união e arma secreta de comunicação nos campos de batalha. Nesta visão, o guarani é visto como a língua da resistência nacional, da cultura popular e dos sentimentos nacionalistas, enquanto que o espanhol é percebido como uma língua racional, artificial e que não singulariza a nação paraguaia. “*Es idioma que más utilizamos, el paraguayo habla más en guarani que en español. Es más fácil para la comunicación. Es un idioma completo, es más dulce, si nosotros hablamos en guarani parece que estamos expresando nuestros sentimientos*” (Domingo Quiñonez, *Professor de História*, 25/11/2004).

As misturas entre as ideologias colonizadoras e as nacionalistas estabeleceram várias dicotomias entre os dois idiomas nacionais ao longo da história do

Paraguai. Desta forma, o espanhol foi apresentado e reconhecido como uma língua racional, estatal, civilizada e transmissora da cultura erudita, enquanto o guarani foi sendo construído como a língua natural, sentimental, familiar e expressão da cultura popular (Zuccolillo, 2000).

O guarani foi reconhecido como língua nacional em 1967, mas somente com a Constituição de 1992 e a Reforma Educacional de 1994 passou a ser uma língua oficial e obrigatória em todas as escolas e graus de ensino (Steckbauer, 2000). Atualmente, as escolas públicas e privadas nas regiões fronteiriças são controladas pelo Estado paraguaio e os professores ensinam os dois idiomas nacionais. É a partir desse processo histórico de reconhecimento e obrigatoriedade do guarani que posso entender os discursos nacionalistas dos paraguaios em defesa do guarani. Como comenta Sturza (2005),

o reconhecimento do guarani como língua oficial e o seu destacado lugar como língua materna da grande maioria da população é um ingrediente fundamental na configuração das línguas da fronteira, sobretudo pela importância étnica e identitária que o guarani ocupa frente a outras línguas, as dos imigrantes e a do Estado (Sturza, 2005, p. 6).

Para o diretor de colégio nacional de San Alberto, o guarani diferencia o Paraguai dos outros países que também falam o espanhol na América Latina e será o único elemento cultural que vai singularizar o povo paraguaio no contexto da globalização. As fronteiras econômicas e culturais estariam sendo diluídas no cenário atual do Mercosul, mas o guarani seria a única expressão da nacionalidade paraguaia diante das constantes misturas e trocas culturais.

El guarani es uno de los pocos elementos que va a identificar a la nación paraguaya dentro del mundo globalizado. Cuando más allá se desaparecen las fronteras económicas. Cuando desaparecen las demás fronteras, el único elemento que va a hacer que generalmente se conoce el Paraguay, que se sepa que es Paraguay, el paraguayo, es su lengua. No hay otro. Ni el dinero, ni nada, porque seguramente aquí se va a tener una moneda común, se va a llamar merco moneda, lo que sea, no sé (..) Las canciones seguramente cruzarán de aquí para allá, bailaremos zamba, bailaremos polca, tan poco lleva acento. Lo único que puede identificarlo plenamente el paraguayo es su idioma, el guarani (Adilio Ramírez, diretor escolar, 17/01/2004).

Neste sentido, a fronteira guarani se constitui como o principal limite entre os paraguaios e os imigrantes que não falam esse idioma. Muitos paraguaios comentam que os brasileiros não aprendem o guarani porque são bastante nacionalistas e buscam preservar a língua portuguesa. Neste sentido, os imigrantes estariam colocando em perigo a identidade nacional paraguaia, pois estão “abrasileirando” todos os territórios próximos do limite internacional com o Brasil. Para o bispo Juan Bautista Gavilán, os imigrantes “*estão aqui há 30 anos e não aprenderam nem o guarani nem o espanhol.*”

Não faz parte da boa diplomacia não falar o guarani e o espanhol” (Juan Bautista Gavilán apud Konig, 13/01/2004).

Os imigrantes, por sua vez, comentam que os paraguaios não gostam de suas línguas nacionais e preferem o português. *“Os alunos paraguaios preferem ser identificados como brasileiros, os próprios paraguaios preferem escrever e falar em português, eles mesmos dizem “nos gustamos mucho más del portugués, más melódico, más lindo, nos gustamos mucho más” (Dileta Zamchette, freira da Congregação Verbo Divino, 24/11/2004).*

As representações e os sentimentos que os brasileiros e os paraguaios constroem em relação às línguas portuguesa e guarani simbolizam relações de poder entre as nações. As línguas dos países dominantes geralmente exercem fascínio em amplos setores da população das nações subordinadas. A admiração de alguns paraguaios em relação ao português e o desprezo que vários imigrantes têm com a língua guarani provavelmente sejam derivados da relação assimétrica de poder entre o Brasil e o Paraguai.

Os imigrantes contestam a relação direta entre a língua guarani e a nacionalidade e afirmam que são paraguaios embora não falem o guarani. *“Apesar de eu não falar o guarani, eu me considero paraguaio, eu comecei o meu primeiro ano da escola e estou até esta data aqui” (Jackson Bressen, Santa Rita- Alto Paraná, entrevista em 17/11/2004) ou ainda “soy paraguayano, por más que digan lo contrario. Amo a este país, aunque todavía no sé hablar el guarani. No me siento un invasor, como acusan algunas personas” (Jackson Bressen apud Gutiérrez, 17/09/2003).*

Os filhos desses imigrantes que estão aprendendo os idiomas nacionais representam uma “arma” política importante nas disputas de nacionalidade na fronteira. Os pais reconhecem que são estrangeiros e não sabem falar o guarani, mas logo afirmam que seus filhos são paraguaios e já se comunicam nas línguas nacionais. O discurso da legitimação passa pela inserção das novas gerações na sociedade paraguaia.

Sí, mis hijos son paraguayos. Estudian en la Escuela Parroquial de La Paloma. Hablan guarani, yo no lo pude aprender. Lo entiendo, aunque me cuesta hablar. Aun así, me siento paraguayano. Nací en Brasil, quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay, a no ser que con todo este debate que hay en contra de los inmigrantes, se genere algún problema y tengamos que marcharnos. Sería una lástima (Paulo Luis Buttini apud Gutiérrez, 25 /09/ 2003).

Os imigrantes e seus descendentes comentam que estão sendo discriminados no ambiente escolar por não saberem o guarani. As novas gerações sentem bastante dificuldade em aprender o guarani, uma língua com uma estrutura

gramatical bastante distinta do português e do espanhol. Elas não aprendem em casa como os paraguaios porque o idioma doméstico é o português. Não entendem com facilidade na escola porque vêem como um idioma estrangeiro, difícil e com pouco significado prático. Além disso, existe um certo desprezo e preconceito em relação ao guarani, visto como língua dos índios. *“Guarani não tem serventia, língua de índio, agora castelhano é importante aprender”* (Mauri Schmeider, agricultor, 16/11/2004). Os imigrantes reconhecem a necessidade de aprender espanhol, principalmente no contexto atual em que são vistos como “invasores”.

A identidade paraguaia dos imigrantes brasileiros só passa a ser reconhecida se estes já falarem fluentemente o guarani. Não é a cidadania o critério para o reconhecimento social, mas o domínio desse idioma nacional.

Se tu falas o guarani já fluentemente aí você praticamente é considerado. Eles vão e olham. Agora se você não consegue falar o guarani, e você já tem uma pele mais clara, aqui o brasileiro é bastante, a maioria veio do Sul, descendente de alemão, então já vê de longe e vê que é brasileiro e você ainda não consegue falar o guarani. Você já é timbrado como estrangeiro (Clairton Feix, Prefeito de Santa Rosa de Monday, 18/11/2004).

A língua aparece como um importante critério para o reconhecimento nacional e como um fator de superação da identificação “racial”. Nesse ambiente de disputas e tentativas de legitimação de identidades nacionais, os imigrantes “brancos e loiros” são praticamente reconhecidos como nacionais se falarem o guarani. Caso não se expressem nesse idioma, as classificações “raciais” e lingüísticas marcarão as fronteiras entre “nós” e “eles”. Parece-me que as relações entre nação, raça e língua continuam ainda sendo importantes na maneira como muitas pessoas estabelecem as identificações nacionais. Embora Renan (2000), ainda no século XIX, tenha excluído a raça, a língua, a religião e a geografia como elementos definidores da idéia de nação, geralmente as referências à raça e à língua continuam sendo acionadas como sinais diacríticos no momento da identificação dos grupos “étnicos” e até das comunidades nacionais.

Para muitos imigrantes brasileiros, as fronteiras lingüísticas são criadas pelos paraguaios. Os “brasiguaios” não aceitam o vínculo necessário entre língua e nação, pois se apresentam como “cruzadores de fronteiras” idiomáticas, especialmente entre o português e o espanhol.

Para nós não tem choque de línguas, o espanhol para mim é a mesma coisa do português. Guarani muda um pouco, apesar que a gente entende muita coisa do guarani. Agora falar, eu não falo, mas se tiver paraguaios falando em guarani, eu posso até entrar na conversa deles, mas só que eu entro em espanhol. Eu entendo o que eles estão falando, mas não consigo falar o que eles estão falando. Então para nós não tem choque deste tipo, só que para os paraguaios mesmos que escutam nossas rádios, talvez os que

venham assistir uma missa nossa (...). Claro que isso se tu fosse ver num país normal, um país sociável, isso não seria nenhum problema porque hoje no Rio Grande do Sul, tu entras numa região de alemão, entre eles vão falar alemão, e para gente é mais que natural, porque a gente não tem esse racismo entre línguas. Agora aqui se você escuta dois paraguaios falando em guarani e não entende nada do que eles estão falando, talvez pense que eles estão falando mal de você, ou ao contrário, duas pessoas estão falando em português, falando rápido o português, eles não entendem, eles acham que nós estamos falando mal deles. Então esta briga social, esta confusão social isso não vem a ser normal para eles. Mas para nós hoje se um paraguaio vem falar com nós, a gente vai responder em espanhol, se um brasileiro vem falar com a gente, a gente vai responder em português, então com nós não tem este problema, o que tem é com eles (Jackson Bressen, agricultor, 17/11/2004).

Esse imigrante relata a facilidade em se comunicar em português e espanhol dependendo do seu interlocutor. Na sua visão, os imigrantes brasileiros não têm “racismo de línguas”, pois vêm de um país “normal” que respeita a diversidade cultural e lingüística. Com base na experiência de sua família nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, ele construiu uma imagem da “nação normal” como um lugar de respeito às diferenças lingüísticas. Neste sentido, o Paraguai não seria um “país normal”, pois estaria exigindo uma homogeneidade cultural e não respeitando a língua dos imigrantes. Contudo, ele comenta que a incompreensão da língua do “outro” gera desconfianças e suspeitas recíprocas entre os imigrantes e os paraguaios. Por mais que se apresente como um “cruzador de fronteiras”, admite a existência de uma separação simbólica entre o português e o guarani.

As misturas e trocas lingüísticas que são apresentadas por esses imigrantes como fatores positivos, a instituição escolar paraguaia geralmente traduz como perda da identidade nacional. Os professores reclamam das misturas do português com o espanhol nas redações feitas pelos descendentes dos imigrantes. As escolas estatais não admitem o “portuñol” e não oficializam a língua portuguesa como idioma estrangeiro nessa zona de imigração brasileira. Os estados nacionais e os seus sistemas educativos tendem a perceber as fronteiras como lugares que necessitam de planos de nacionalização cultural devido às práticas cotidianas de misturas lingüísticas. Uma das missões dos professores seria preservar a identidade nacional através da proibição do uso da língua estrangeira no espaço escolar.

Todos os professores sempre proibiram, apesar de que nunca era bem seguida, mas sempre eles pediam para nós falar o espanhol e não o português, entre nós mesmos, entre dois alunos brasileiros, eles sempre pediam durante a aula para falar em espanhol, Por que? Porque o nosso espanhol era muito feio, era muito mal falado, mal lido, mal expressado (...). Sempre foi exigido falar o espanhol, cantar o hino nacional, apesar que eu sei cantar o hino brasileiro, o hino nacional daqui a gente sempre cantou desde a época do primeiro ano de escola até na faculdade (Jackson Bressen, agricultor, 17/11/2004).

O relato seguinte do professor de história do *Colégio San Alberto* é bastante ilustrativo da postura dos educadores paraguaios em tentar distinguir as identidades nacionais a partir do domínio do idioma português ou espanhol. Na concepção desse professor, a mistura e o sotaque lingüístico dos seus alunos impossibilita uma definição clara da identificação nacional. Para ele, os filhos dos imigrantes seriam reconhecidos como paraguaios se falarem corretamente o espanhol. Narra então um episódio de um diálogo entre uma empregada de um supermercado e seus alunos durante uma excursão ao balneário de Camboriú em Santa Catarina.

El año antepasado yo fui con los alumnos a una excursión a Camboriú y fuimos a un supermercado y yo les acompañé, fueron de 15 a 20 alumnos, estábamos mirando y una de las cajeras sale diciendo: ustedes de donde vienen? De Paraguay, dicen los alumnos. Como? *Vocês* no son brasileños ni tampoco son paraguayos. Y por que? Les dicen. A mí me impresionó la idea que dijo la cajera misma: el portugués de ustedes utilizan es un portugués de los paraguayos, la forma de hablar. Y tampoco ustedes son brasileños porque no hablan el idioma que nosotros estamos hablando. Es diferente otra vez, ellos mezclan donde hay el español. Yo estaba explicando, casi todas las clases les suele decir: ustedes no son ni brasileños ni tampoco son paraguayos y así es que tiene que *procurar*. Tiene que procurar lo que viene a ser el paraguayo y hablar bien el español. Pueden hablar bien el portugués, pero traten de hablar bien el español para que puedan identificarse ustedes si es una persona paraguaya o brasileña. Pero eso no quiere decir que tiene que eliminar el idioma portugués, sino que se sinta también parte y que tiene que querer también su nación, el lugar donde está viviendo (Domingo Quiñónez, Professor de história, 25/11/2004).

A situação descrita acima é típica do estranhamento e deslocamento cultural das novas gerações de “brasiguaios”. Eles já incorporaram a maneira de falar dos paraguaios, acham que estão falando o português, definem-se como brasileiros ou paraguaios, mas não são reconhecidos como brasileiros por aqueles vivem no Brasil. Eles vivem a experiência contraditória da afirmação e da negação da dupla nacionalidade.

Numa fronteira em que estão presente três línguas nacionais, os nacionalismos lingüísticos afloram e delimitam fronteiras entre “nós” e “eles”. O guarani continua representando uma fronteira cultural e um campo de resistência contra a “invasão” estrangeira. Mas as fronteiras lingüísticas também permitem vários cruzamentos como o “portuñol” (a junção do português com o espanhol) e o “portuguarañol” ou “brasiguaio” (mistura do português, guarani e espanhol).

Considerações finais

Os sistemas nacionais de educação escolar são pensados a partir de seus centros de poder e pouca atenção é dada à singularidade das áreas fronteiriças

com outros países. As leis, parâmetros e os currículos escolares ainda privilegiam a idéia homogênea de nação. Embora já existam formas de educação diferenciada para as populações indígenas, negras e de imigrantes dentro do território nacional, as regiões fronteiriças são espaços sensíveis de soberania e de políticas de nacionalização cultural.

A prática cotidiana das pessoas que vivem em áreas fronteiriças revela variadas formas de hibridismo lingüístico. Os moradores fronteiriços estão acostumados a misturar os idiomas, as músicas, a culinária etc, a criar estereótipos sobre os outros e se identificar com suas respectivas nações. Mas os governos e a maioria dos educadores vêem a mistura como um perigo e um medo de perder a soberania nacional. O alarme imediato é feito a partir da associação imediata entre língua e identidade nacional, ou seja, os espaços culturais em que as línguas nacionais perdem espaços para línguas estrangeiras são logo visto com lugares desnacionalizados.

As regiões fronteiriças são espaços sociais singulares que não podem ser pensados a partir dos grandes esquemas nacionais. As fronteiras são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaços de poder, de conflitos variados e de distintas formas de integração cultural. São geralmente áreas estratégicas de poder e de manobras geopolíticas e nacionalistas. No caso específico das fronteiras em movimento dos imigrantes brasileiros em território paraguaio, a situação nacional é bastante delicada. Muitos paraguaios reivindicam a nacionalização lingüística desses espaços ocupados por brasileiros. Como o Brasil é relativamente mais poderoso economicamente do que o Paraguai, muitos traduzem a influência cultural desses imigrantes como uma ameaça à identidade nacional. Os setores críticos da sociedade paraguaia não admitem o ensino do português, mesmo como língua estrangeira, nessas localidades que predominam os imigrantes e descendentes de brasileiros.

Há uma disputa e confluência de nacionalidades nesse espaço social singular em que se configuram as fronteiras dos meios de comunicação, da escola, da cidadania e das línguas nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. O Estado nacional e a modernidade. *Diálogo Jurídico*. Revista do Curso de Direito da Faculdade Farias Brito. Fortaleza, Ano II, n.02, 2003.

_____. Campesinos paraguayos y “brasiguayos” en la frontera este del Paraguay. In: FOGEL, Ramón; RIQUELME, Marcial (orgs.). *Enclave sojero: merma de soberanía y pobreza*. Asunción: CERI, 2005.

FELIÚ, Fernanda. *Canindeyu-zona alta: los brasiguayos*. Asunción: Leo SRL, 1999.

FOGEL, Ramón. Relaciones interétnicas en el borde este del Paraguay. In: *Práticas de Integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

GUTIÉRREZ, Andrés Colmán. “Soy paraguayo, aunque no hable en guaraní”. Asunción: *Última Hora*, 17 de Setiembre de 2003.

_____. Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay” Asunción: *Última Hora*, 25 de Setiembre de 2003.

KÖNIG, Mauri. *Imigração cria geração sem identidade*. Curitiba: Gazeta do Povo, 13 de Janeiro de 2004.

MELIÁ, Bartolomeu. Hacia una “tercera lengua” en el Paraguay. *Estudios Paraguayos*, Asunción, vol. II, n. 2, diciembre de 1974, pp. 31-72.

ORLANDI, Eni (Org.). *História das idéias lingüísticas*. Cáceres, Mato Grosso: Unemat, 2001.

PARAGUAY. Resultados finales. Censo Nacional de Población y Viviendas. Año 2002- Total País. Fernando de la Mora: DGEEC, 2004.

RENAN, Ernest. Qué es una nación? In: BRAVO, Álvaro Fernández (Comp.). *La invención de la nación*. Buenos Aires: Matantial, 2000.

RODRIGUES, Aryon D. Política lingüística e educação para os povos indígenas. In: SILVA, Aracy Lopes da (Coord.). *A questão da educação indígena*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

STECKBAUER, Sonja M. La situación del Guaraní en el Paraguay Actual. *Revista Paraguaya de Sociología*. Asunción, Año 37, n. 108, Mayo-Agosto de 2000, pp. 77/94.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, vol. 57, n. 2, São Paulo, Abril/junho de 2005. <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>, acesso em 5/6/2005.

ZUCCOLILLO, Carolina María Rodríguez. *Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai*. Campinas, SP: [s.n], 2000.

_____. Paraguay “pluricultural y bilíngüe” (o como se dice mestizo em guaraní?). *Revista Paraguaya de Sociología*, Año 37, n. 109, Set/Dic de 2000, pp. 185-202.

Entrevistas

» **Adílio Ramirez**, diretor do Colégio Nacional de San Alberto, Paraguai, entrevista realizada no colégio, em 17/01/2004.

» **Cesar Padoin Diesel**, prefeito de Naranjal, entrevista realizada na prefeitura, Alto Paraná-Paraguai, em 19/11/2004.

» **Clairton Feix**, prefeito de Santa Rosa de Monday, entrevista realizada na prefeitura de Santa Rosa, Alto Paraná-Paraguai, 18/11/2004.

» **Dileta Zamchette**, freira da Congregação Verbo Divino da Igreja Católica, entrevista realizada em sua residência, San Alberto- Alto Paraná-Paraguai, em 24/11/2004.

» **Domingo Quiñonez**, professor de História, entrevista realizada no Colégio Nacional de San Alberto, Alto Paraná- Paraguai, em 25/11/2004.

» **Jackson Bresser**, coordenador local da Agricultora Agrícola Paraguaya, entrevista realizada em sua residência, cidade de Santa Rita, Alto Paraná-Paraguai, em 17/11/2004.

» **José Giacomelli**, Imigrante brasileiro e prefeito de Mbaracayu, entrevista realizada em sua residência, Mbaracayu, Alto Paraná-Paraguai, em 25/11/2004.

» **Mauri Schneider**, imigrante brasileiro e médio produtor agrícola, entrevista realizada em sua residência, Santa Rita, Alto Paraná-Paraguai, em 16/11/2004.

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pós-doutorando no Programa de Formação de Novos Quadros Profissionais do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai, tese defendida no Programa de Doutorado da UFC em 10/10/ 2005.

“Quando falamos de enclave aludimos a uma colônia, uma cooperativa e a um centro exclusivamente de população brasileira, enquanto que a população nativa está ao redor, em bolsões, nas margens e de vez em quando é ocupada” (Fogel, 1995, p. 141) (Tradução minha).

O professor de História do Colégio Nacional de San Alberto organizou um projeto de “resgate” da cultura paraguaia na cidade de San Alberto, onde a maioria dos alunos é descendente de imigrantes brasileiros. Esse projeto ensina música, folclore e culinária do povo paraguaio. O professor comenta que esse projeto foi criado para valorizar a cultura paraguaia que estava sendo apagada, pois os imigrantes só usavam suas tradições e os próprios paraguaios estavam aderindo às manifestações culturais dos estrangeiros. O projeto já ganhou um prêmio de incentivo à cultura em Cidade do Leste (Domingo Quiñonez, Professor de história, 25/11/2004).

Nas cidades de Santa Rita e Salto de Guairá colocaram sistema de TV a cabo em 2002. Presenciei nestas localidades os imigrantes assistindo tanto os jornais brasileiros como os paraguaios.

Jopará significa juntar ou mesclar o guarani com o espanhol. Alguns estudiosos da língua guarani denominam essa mistura gramatical e de entonação no ato da fala como a “terceira língua” do Paraguai (Meliá, 1974). Lingüistas paraguaios que elaboraram o *Plan Nacional de Educación Bilíngüe* em 1994 impuseram um “guarani puro” para ser ensinado nas escolas, mas as crianças não se identificam com muitas palavras que não aprenderam no ambiente familiar.

Muitos estudos interdisciplinares (antropologia, história, literatura, lingüística etc) podem ser realizados sobre essas zonas de contatos entre os idiomas nacionais nas fronteiras do Brasil com os dez países vizinhos (Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Peru, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana francesa).

A palavra “brasiguai” é imprecisa e bastante mutável. Somente refleti sobre alguns sentidos do termo que consegui sistematizar a partir da pesquisa de campo. Nessa perspectiva, essa categoria nativa pode ser atribuída 1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e aos descendentes que já misturam a cultura brasileira com elementos da cultura paraguaia; 5) a todos os imigrantes brasileiros que vivem na nação vizinha.

1

As línguas nacionais na fronteira Paraguai-Brasil